

LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Compilação das comunicações
apresentadas durante o Colóquio sobre
Literaturas dos Países Africanos
de Língua Portuguesa
realizado na Sala Polivalente
do Centro de Arte Moderna
em Julho de 1985

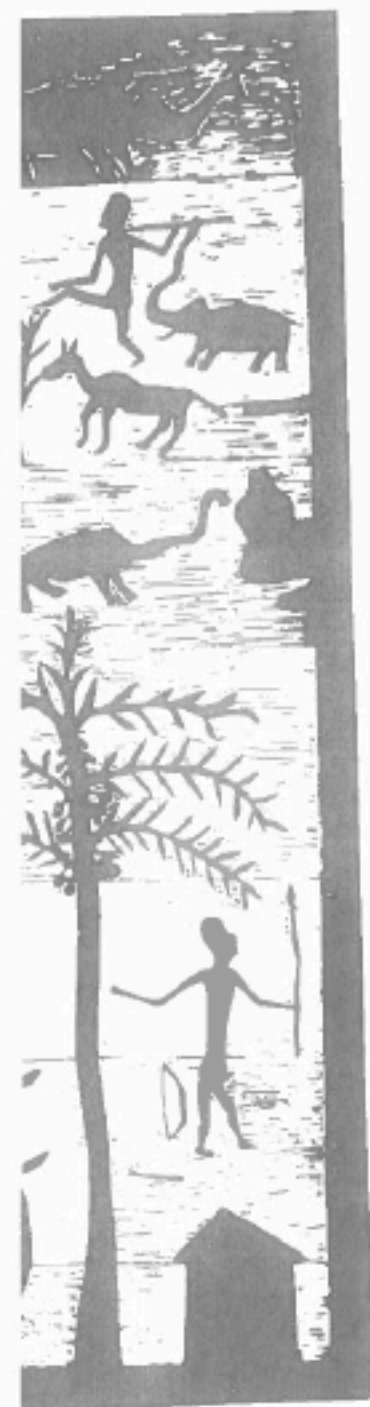
L 24 21

ULS 32.362.1



Fundação
Calouste
Gulbenkian

ACARTE
Serviço de Animação,
Criação Artística
e Educação pela Arte
Lisboa 1987



manuel viegas
guerreiro

faculdade de letras de
lisboa

LITERATURA ORAL MACONDE E SOCIEDADE

A história social tem-se construído preferentemente sobre documentos escritos, com pouca utilização da tradição oral. E nem de outro modo podia ser, em relação a um passado remoto, dado que deficientemente a fixaram os cronistas coevos. E nesse caso está sobretudo a literatura oral ou popular.

Só no século XIX o povo, o comum povo, entrou propriamente na história literária e ainda assim pelas mãos de espíritos sonhadores que, sem com ele praticarem, o mitificaram, o divinizaram. «Vox populi, vox Dei», voz profética, que não voz da verdade, da autenticidade.

Nem historiadores nem sociólogos buscaram na ficção literária popular informação útil a suas reconstituições. E se é certo que, no tempo de agora, contos, provérbios, adivinhas e peças poéticas se reportam essencialmente a um mundo social que está à distância de séculos, de milénios, não é menos certo que o que se repete, se recria, e nessa original evocação penetram, por vezes, profundamente elementos da cultura actual para além do que é atributo do homem de todas as idades. Tudo está, naturalmente, no modo de proceder à pesquisa, nos cuidados a ter com a investigação.

Dizem estes preliminares principalmente respeito a sociedades ditas civilizadas, ocidentais ou ocidentalizadas. Que se passa, então, com as ditas primitivas ou atrasadas, de que tomo como caso exemplar a sociedade maconde? Põem-nos as narrativas em contacto com uma realidade socioeconómica e mental que, com algumas divergências, é contemporânea. Mas se as suas origens se situam também em épocas remotas, quererá isto dizer que essas sociedades não evoluíram, que são estáticas, imobilizadas? É evidente que não. O devir e fenómeno universal e, se no domínio das técnicas estas populações se atrasaram, e não tanto como se julga, não assim nas manifestações do intelecto. O que mais nelas do que nas ditas civilizações, contudo, acontece é que actualizam, vivificam seu discurso, que é norma a seguir, escola em que se aprende, voz que tem de ser ouvida e se

não transmite por escrito, de ser ouvida e consensualmente se torne actuante. E nenhum veículo mais adequado do que a mensagem que a palavra ritmada comunica, que a ficção literária organiza. E com o benefício da irresponsabilidade, já que tudo se pode contar e a outrem se atribui e com o prestígio misterioso do tempo antigo.

As personagens movem-se, actuam em ambiente físico que é o de hoje, sentem e pensam de modo análogo ao do narrador e ouvintes. Ora, grande lástima é, pois, que historiadores, economistas, sociólogos e antropólogos pouco recorram a estes testemunhos.

Não quero, com isto, culpar ninguém de negligência, o que seria, seguramente, incompreensível, indesculpável. São os estudiosos destes povos quase sempre de cultura ocidental, de modo que prolongam no novo ambiente, em que estão, a atitude despiciente que trazem de suas origens, no concernente à literatura oral, popular, despreocupação em que também milita o não aprenderem muitos deles a língua das populações que estudam. E por aí se perde toda a virtude da oralidade. Utilizam-se intérpretes com os consequentes perigos de seu subjectivismo e ignorância.

Entremos, porém, propriamente, no assunto da nossa comunicação.

Vivem os Macondes no Norte de Moçambique, no planalto do mesmo nome. Pela singularidade de seus costumes, quando em confronto com os dos vizinhos Ajuuas, Macuas, Angonis, que o relativo isolamento tem condicionado, escolheu-os o prof. Jorge Dias para objecto de estudo monográfico. Coube-me a parte da «Língua e literatura».

Recolhi provérbios, adivinhas e sobretudo contos. Para se fazer ideia do valor etnográfico destas narrativas, tomemos como exemplo duas delas.

Oçamos primeiro a Alicududa, mestre incomparável na arte de contar, em sua história de «Nkatapele – a que foi tirada do barro».



Nkatapele

(conto maconde – Moçam
Mana nkongwe. Andipagi
kuva na mwana. Vavave r
vana, nae mwana mene.
naumba ulongo wake. A
ula, andivika madodo. ai
uti vyombo uti andivika a
Andilala iyuma imo, and
chilongo chia panoo ang
mave ake, nahako wa k
mumya. Andihuma. andi
chema:

– Nkatapele, ida utwa i

Bai, paumi hunde mu
mwagwe kuchanga uti
mwana antwete kwachi n
bone iya? Nahako iya an

Kutipua inakio, kutalak
ditya. Panao, iyamba
mwagwe va ih vanindya.

– Nkatapele, tuka tuka

Vandyuka kenga mbali
banda amu, vandikala
kuchumba, kuchumba.

Medi alikwida, medi, a
buka wachi: «Chi mwa
medi.» Andibubuka pita
nagwe:

Nkatapele, tita medi, ti

Tita maunde;

Nkatapele, tita medi, ti

Tita maunde.

Yaya likwida, tito,

Tita maunde,

Tata likwida, tito,

Tita maunde.

Itukuti yoyo, na, na
do:

– Vanamahako, hi, r
kaya.

Kuchi do:

– Tchacho?

Kuchi do:

– Mene mwenu, nang

Kutukuta pita wa
Andimwigwa kwimba:

(Luhimu twotwo)

Nkatapele kuntwa r
kaya, nahika ku kaya.

Nkatapele

(conto maconde – Moçambique)

Mana nkongwe. Andipagwa nkongwe me kuva na mwana. Vavave nkaya mua uti na vana, nae mwana mene. Panao andyuka naumba ulongo wake. Akaumba ulongo uta, andivika madodo, andivika makono, uti vyombo uti andivika andiye nchilongo. Andilala iyuma imo, andyuka nabulukua chilongo chia panao angwena nahako na mave aka, nahako wa kukutumuka. Animumya. Andihuma, andika panda, Aninchema:

– Nkatapele, ida utwa inaki hai, utipue.

Bai, paumi hinde mwa, uti vakongwe mwagwe kuchanga uti: «Ba, na iya mwana antwete kwachi nelo mwana wambone iya? Nahako iya antwete kwachi?»

Kutipua makio, kutalake imbogwa, vandilya Panao, iyamba vo vanamahako mwagwe va ih vanindyavalea kuchi do:

– Nkatapele, tuka tukachumbe ndombi.

Vandyuka kenga mbalaba ya chimbambanda amu, vandikala, ndombi wavo kuchumba, kuchumba.

Medi alikwida, medi, anyoke pa andibubuka wachi: «Chi mwanangu ne kutova medi.» Andibubuka pita wantukuta mwanagwe:

Nkatapele, tila medi, tilo,

Tila maunde,

Nkatapele, tila medi, tilo

Tila maunde,

Yaya likwida, tilo,

Tila maunde,

Tala likwida, tilo,

Tila maunde,

Itukuli yoyo, na, na mwanagwe kuchi do:

– Vanamahako, hi, nangu mwanda ku kaya.

Kuchi do:

– Tchacho?

Kuchi do:

– Mene mwenu, nangu mwanda au.

Kutukuta pita wantukuta anyoke.

Andimwigwa kwimba:

(Luhimu twotwo)

Nkatapele kuntwa anyoke nahika ku kaya, nahika ku kaya.

Trata-se de uma mulher. Havia uma mulher que não tinha filho. Todas as companheiras naquela aldeia tinham filhos, ela não. Depois foi trabalhar o seu barro. Quando foi trabalhar aquele barro, pôs-lhe pernas, pôs-lhe braços, pôs-lhe todas as partes do corpo e meteu-o numa panela. Passou uma semana, foi abrir a panela e viu uma rapariga com os seus seios, uma rapariga já crescida. Tirou-a. (A rapariga) saiu de casa e ficou fora. Chamou-a:

– Nkatapele !, vem buscar este conduto ? para o pilares.

Bem, quando saiu de casa, todas as mulheres suas companheiras ficaram admiradas, todas: «Oh! De onde lhe veio hoje aquela filha tão bonita? De onde lhe veio aquela rapariga?»

Pitou o conduto, cozinhou-o com as folhas ³, comeram. Depois, de manhã, as outras raparigas da aldeia familiarizaram-se com ela e disseram-lhe:

– Nkatapele, vamos saltar a corda.

Foram: como daqui àquela estrada batida (indica com o braço); ficaram ali e saltaram a sua corda, saltaram.

A chuva aproximava-se, a chuva, e a mãe lá donde estava correu, dizendo: «Ai que a minha filha vai molhar-se hoje.» Começou a correr indo em direcção à filha:

Nkatapele, foge da chuva, foge.

Foge das nuvens;

Nkatapele foge da chuva, foge,

Foge das nuvens.

A tua mãe vem aqui, foge,

Foge das nuvens,

O teu pai vem aqui, foge,

Foge das nuvens.

Ela ia correndo e a sua filha dizia assim:

– Amigas eu vou para casa.

Disseram assim (as amigas):

– Que é isso?

Respondeu:

– Não é nada convosco, eu vou.

E correu ao encontro da mãe. Ouviu-a cantar:

(O mesmo canto)

A mãe agarrou em Nkatapele para a levar para casa, para a levar para casa.

Manuel Viegas Guerreiro

Vandilala. Lyamba, liduva pa lihiki do:
- Nkatapele tu ku ndombi, vanamahako
mwagwe avo.

Pavantwete kwa Nankodya, achi ku
kuchumba ndombi, ndachumba kwa Nan-
kodia ndombi. Ako lyundi lava, anyoke
andibubuka, andibubuka kupita watukuta:

(Luhimu lwotwo)

Mwanagwe ako andibubuka na, na
anyoke kune:

(Luhimu lwotwo)

Medi ii, medi, kuwika, medi kuwika,
medi ôôôô. Anyoke kulunduvanga: «Hii
mwanangu Nkatapele! Bai! Achi nangu ne
Nkatapele kunkatoka, nangu hii! Bai! Nka-
tapele wako, Nkatapele!»

(Luhimu lwotwo)

Medi iii, andiwika medi, ôôô, Ulongo ua
modo, modo, modo: chiya kupanyuka,
lidodo kupanyuka, kudoba chichulu hachi.
Piwiki anyoke niwika po pa chichulu kuchi
do:

- Kutijava mwenu vanamahako mwenu!
Na pamuchichi vyo Nkatapele, Nkatapele!
Nangu mwana kumpeta pachi kavli nan-
gu?

Anyoke kudoba, kuya via, nalla vyo
flande. Vanamahako mwagwe kuchi doni:

- Ochi ndjenu muntadale mwachi?

Achi:

- Chave chichulu, chave chichulu achia.
Chamwona achia india ya muto ai, chite
vyo ngo, che chichulu.

- Chapo mwenu munintaanga, chamwig-
wili mwe anyoke mwalika flande mua.

Ii kudoba kukulikupwa vyo kuyogwea.

Idão lutano haku ngutani nangu Alkududa,
ni mwanagwe mwe Chinombifavanga
ida nkulungwa wangu Machangano ida
capitão-mor wangu Nankodya ni mwene
ni n'Chiala, nangu ni ndukulu mwe Naka-
tembo.

M. Viegas Guerreiro — Os Macondes de
Moçambique, Vol. IV: Sabedoria, Língua, Litera-
tura e Jogos, Lisboa, Junta de Investigação do
Ultramar, pp. 225-229.

1 Nkatapele = a que foi tirada do barro.

2 Amendim, por exemplo.

3 Folhas de mandioca, feijão, abóbora, etc...

Dormiram. De manhã, quando o Sol
estava assim (aponta para o céu com o
braço):

- Ncatapele, vamos saltar a corda,
diziam as companheiras.

Levaram-na até à aldeia de Nancódia,
para irem saltar a corda, para irem saltar
a corda em Nancódia. Ali apareceu uma
nuvem escura e sua mãe começou a cor-
rer, começou a correr em direcção à filha:

(O mesmo canto)

A filha começou a correr dali, e sua
mãe cantava:

(O mesmo canto)

A chuva vinha, a chuva vinha, a chuva
fez ôôôô. A mãe começou: «Ai, minha
filha, Ncatapele! Pronto! Ai que eu vou
perder a minha Ncatapele, ai de mim!
Pronto! Ó Ncatapele, Ncatapele!»

(O mesmo canto)

A chuva vinha, a chuva chegou, ôôô.
Aquele barro começou a desfazer-se, a
desfazer-se, a desfazer-se; a coxa caiu, a
perna caiu, por fim ficou um monte de bar-
ro. Quando a mãe chegou junto do barro,
disse assim:

- Malditas de vós, raparigas, de vós!
Estáveis sempre a chamar: Ncatapele,
Ncatapele! Onde posso eu agora obter
outra filha?

A mãe cansou-se e voltou só, vindo
chorar para sua casa. As raparigas (per-
guntavam) àquelas que tinham ido saltar
a corda, dizendo assim:

- Então que fizestes vós à vossa com-
panheira?

Diziam:

- Era um monte de barro, ela era um
monte de barro. Aquilo que vedes no
caminho da fonte, que aí está pegado
(não era uma pessoa), era barro.

- Vós enganastes a vossa companhei-
ra, ouvi como a mãe chora em sua casa.

Mas, com o tempo, esqueceu-se e
calou-se.

Este conto contei eu Alkududa, filho de
Chinombifavanga, o meu régulo é
Machangano, o meu capitão-mor é Nan-
códia e o meu icota é Chiala e sou sobri-
nho de Nacatembo (a minha povoação é
Nacatembo).

MAI

OS
DE

Sabedoria

MANUEL VIEGAS GUERREIRO

OS MACONDES DE MOÇAMBIQUE



IV

Sabedoria, Língua, Literatura e Jogos

lanhá, quando o Sol
ia para o céu com o

imos saltar a corda,
eiras.

à aldeia de Nancódia,
orda, para irem saltar
dia. Ali apareceu uma
a mãe começou a cor-
er em direcção à filha:

a correr dali, e sua

chuva vinha, a chuva
começou: -Ai, minha
ronto! Ai que eu vou
Ncatapele, ai de mim!
e, Ncatapele!

a chuva chegou óó.
çou a desfazer-se, a
azer-se; a coxa caiu, a
ficou um monte de bar-
chegou junto do barro,

ós, rapangas, de vós!
a chamar: Ncatapele,
osso eu agora obter

se e voltou só, vindo
sa. As rapangas (per-
que tinham ido saltar
sim.
sies vos a vossa com-

de barro, ela era um
Aquilo que vedes no
que aí está pegado
oa), era barro.

is a vossa companhei-
ie chora em sua casa.
mpo, esqueceu-se e

i eu Alicududa, filho de
o meu régulo é
ou capitão-mor é Nan-
ta é Chiata e sou sobri-
) (a minha povoação é

O drama da mulher estéril é o motivo principal do conto, situação anómala aos olhos dos africanos, que a não vêem sem reserva. O homem casa para ter filhos, que continuem a linhagem e assegurem o culto dos antepassados. Se a mulher os não dá, procura outra. Abandono ou divórcio é o que a espera. Num provérbio bundo vocifera-se: «Tu, que não deste à luz, morrerás como uma cadela.» Os Macondes atribuem a esterilidade à pouca sorte, se não a designios de Deus.

Note-se o processo sobrenatural de criar a vida, incorporada a uma imagem que se afeiçoa no barro. A operação mágica lembra o artifício de Prometeu ao modelar no barro o primeiro homem. Um outro mito grego fá-lo sair da terra como nascem dela as plantas. De qualquer maneira, é da terra-mãe que sai a humanidade. Já no n.º 2 do Génesis se lê: «E formou Deus o homem da argila e lhe soprou no nariz o alento da vida.»

Repare-se que Ncatapele foi gerada no seio de uma panela, de onde saiu ao cabo de uma semana, matriz, gestação e surgimento análogos aos que assinalam o nascimento dos homens.

Intervenção do sobrenatural, evidência do pensamento mítico em sociedades ditas primitivas, que, sendo nelas mais frequentes, também nos acompanham, a nós que nos dizemos «civilizados».

Assiste-se a um quadro da vida real, ao trabalho da mulher: Ncatapele pila o conduto, o amendoim, por exemplo, e coze-o com folhas, porventura as de mandioca.

O jogo da corda, «ndombi», que ao fim da tarde as raparigas praticam, também aqui põe a presença do quotidiano maconde.

A acção desenrola-se em cenário maconde: vão as moças saltar a corda em Nancódia, uma das aldeias do planalto.

E não falta realidade psicológica: o espanto das mulheres ante o aparecimento de Ncatapele, a natural explosão de cólera da mãe que perdeu sua única filha, a fina notação de que chorou, chorou, «mas com o tempo esqueceu-se e calou-se».

Comentemos ainda a assinatura-remate de Alicududa, de quanto nos informa sobre a estrutura social. Nome do pai, do régulo, do capitão-mor, da linhagem de Chiala, do tio, Nacatembo, em cuja povoação reside.

Regulados, capitães-mores de criação portuguesa, na organização política anterior não os havia, constituindo cada aldeamento como que um pequeno estado, sob a chefia do chefe da aldeia, o «mwene kaya.» O narrador menciona o seu «likola», isto é, sua linhagem, o antepassado de que descende, aqui por via uterina, e reside na aldeia de seu tio Nacatembo, irmão de sua mãe, para onde se deslocou por casamento com a prima, filha deste tio, casamento preferencial que juntava duas conveniências: o tio não perdia a companhia da filha e ficava a viver com ele um filho de sua irmã.

Refira-se o encadeamento
desfecho dramático. Pi
Economia de recursos:
menores a mais, nem
soam os ruídos onoma
Passemos a outra hi
dor de voz bem tempe



J do conto, situação
em sem reserva. O
agem e assegurem o
procura outra. Aban-
o bundo vocifera-se:
dela.» Os Macondes
esígnios de Deus.

1, incorporada a uma
jica lembra o artifício
mem. Um outro mito
plantas. De qualquer
Já no n.º 2 do Gênese
he soprou no nariz o

de uma panela, de
estação e surgimento
omens.

nsamento mítico em
tais frequentes, tam-
«civilizados».

ho da mulher: Ncata-
e coze-o com folhas.

de as raparigas prati-
o maconde.

ão as moças saltar a
o.

das mulheres ante o
de cólera da mãe que
chorou, chorou, «mas

Alicududa, de quanto
ai, do régulo, do capi-
bo, em cuja povoação

uesa, na organização
aldeamento como que
ja aldeia, o «mwene
to é, sua linhagem, o
ina, e reside na aldeia
onde se deslocou por
tento preferencial que
companhia da filha e

Refira-se o encadeamento lógico das peripécias que vão dar a um desfecho dramático. Perfeita lucidez intelectual na urdidura do conto. Economia de recursos: sem desvios que maquem a emoção, nem por menores a mais, nem a menos; um estilo vivo, cortante, onde até soam os ruídos onomatopáicos, acabada obra de arte, em suma.

Passemos a outra história, esta ouvida a Miguel Licaunga, o narrador de voz bem temperada, solícito, sereno.



Nemba na nkwegwe

Kala, kala andipagwa nemba umo waku-nowela kulyanga diñombela.

Momo wauka ku diñombela waidanao wamwiña nkwegwe walya. Iddao wauka ku diñombela wamwiña nkwegwe walya. Panao liduva lino lyo nkwegwe kuchi doni:

– Nkawangu, vhepo vyô vindaogwa namene, nelo hungudeka, tûke chalumô lukalo' nte' wene wo.

– Nangu nte' unaepa wo hangumanyile line lyake.

Panao, bai, ni kuka pamo na nkwegwe. Akendi kula nkemuru iya kukwela muha mo nangandolanga diñombela. Dikagw-
langi' pahi pa' nkwegwe walakola, wala-
kota, walya, walakola, walya.

– Hapa mi nte' wene unapangulanga wahu, nkawangu, ni hau?

Kuchi doni:

– Wou hau.

Pano pidi nachutuka pala ingonda ia kumujika, kugwili pahi, ni kulileka wa chikundu dao. Panao andyangaikanga namene mwaha wa dyoni; na nkwegwe panao kutwa nkono kujikidya ku chikundu, pana nikono undji kujikamulia.

Pana nkwegwe kuchi doni:

– Nkawangu, haunave na dyoni, kupela ni kuyohidye, ilieke, kujikamulita ko, chuluka via, nangu hanikulola.

Kuchi doni:

– Mene, nangu, nkawangu, nguve na dyoni.

Kuchi do:

– Mene, chuluka,

Pana nkwegwe yo pana kutileka na kujikidya ku chikundu kufa ni kuchutuka via yadao. Akagwi' pahi, ni kulakola ingonda yake, kugwala.

Diñombea dyo, dyamulyanga na vakwa venu dyo liduva lino mundachanga mwachangli' nemba mwetu.

Nkoño hau nguvatenge nangu Miguel Likaunga, likola lyangu mu Luvangu, kapi-
solomor Mwome, nkulungwa Machangano, Bai.

M. Viegas Guerreiro – *Novos Contos Moçambicos* Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1974, p. 18.

O rapaz e a sogra

Em tempos que já lá vão houve um rapaz que gostava de comer os frutos da diñombela¹.

Bem, ia aos frutos, trazia-os e dava-os a comer à sua sogra. Ia, pois, aos frutos de diñombela e dava-os a comer à sua sogra. Depois, um dia, a sogra disse assim:

– Meu genro, estes frutos são muito doces, hoje não me deixes aqui, vamos juntos ver a própria árvore.

– Eu não sei o nome da árvore onde colho os frutos.

Foi, então, com a sua sogra. Quando ali chegou, o genro subiu para cortar ramos com frutos. Ao caírem no chão, a sogra apanhava-os, apanhava-os e comia-os, apanhava-os e comia-os.

– É mesmo aqui a árvore onde tu, meu genro, apanhavas os frutos; pois não é?

(O genro) respondeu:

– É esta mesmo.

Depois, quando ia descendo, o seu pano soltou-se, caiu no chão, e ele ficou nu. Ficou por isso muito aborrecido por causa da vergonha; tapou com uma das mãos o sexo e com a outra agarrou-se à árvore. Então a sogra disse assim:

– Não estejas com vergonha, meu genro, o mau é morrer, deixa o sexo, agarra-te bem aí, desce, eu não oiho.

(O genro) respondeu:

– Não, minha sogra, tenho vergonha.

(A sogra) disse:

– Não tenhas vergonha, desce.

Depois o genro tirou a mão do sexo e desceu. Mal pôs os pés no chão, apanhou o seu pano e vestiu-o.

Por causa dos frutos de diñombea, que comeis com as vossas sogras, ficareis um dia envergonhados como ficou o nosso rapaz.

Este conto contei eu, Miguel Licaunga, a minha linhagem é Mu-Luvangu, o meu capitão-mor é Muome e o régulo Machangano. Acabou-se.

1. Árvore do planalto cujos frutos aparecem com as primeiras chuvas (Jorge Dias – *Os Moçambicos de Moçambique*, I – *Aspectos Históricos e Económicos*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1964, p. 122).

Decorre a maior parte do planalto «diñombea», que é a árvore que dá os frutos.

As personagens do conto, quando, inicialmente, convive com esta convive com esta convive dos frutos da diñombea um dia envergonha.

É geral nas povoações primitivas a observação da cionaliza. Vai do tipo quer comunicação com o escudo se : tume de multar o «Um homem quer a sogra, nem entra banco, nunca com sítio com ela.»³

Ao etnógrafo air wangu» e esta lev as formas possessivas das sogras).

A apanha de frutos embora vivam próximos.

Não são estes costumes de adade social macor a ilustrar. A escolha

Cremos ter dados narrativas orais.

conhecimento de informação, que, de modo directo, o silêncio de suas exil

78

à lá vão houve um rapaz
 comer os frutos da diñombea.

utos, trazia-os e dava-os
 sogra. Ia, pois, aos frutos
 dava-os a comer à sua
 um dia, a sogra disse

estes frutos são muito
 me deixes aqui, vamos
 na árvore.

o nome da árvore onde

1 a sua sogra. Quando ali
 subiu para cortar ramos
 caíram no chão, a sogra
 ganhava-os e comia-os,
 comia-os.

2 a árvore onde tu, meu
 s os frutos; pois não é?
 ondeu:

3 do ia descendo, o seu
 caiu no chão, e ele ficou
 isto muito aborrecido por
 tha; tapou com uma das
 com a outra agarrou-se à
 sogra disse assim:

com vergonha, meu genro,
 deixa o sexo, agarra-
 a, eu não olho.

ondeu:

sogra, tenho vergonha.

3 vergonha, desce,

o tirou a mão do sexo e
 os pés no chão, apanhou
 sôu-o.

4 frutos de diñombea, que
 vossas sogras, ficareis um
 dos como ficou o nosso

5 reei eu, Miguel Licaunga,
 m é Mu-Luvangu, o meu
 nome e o régulo Machan-
 t.

6 to cujos frutos aparecem com
 s (Jorge Dias – Os Macondes
 – Aspectos Históricos e Eco-
 Junta de Investigações do
 122).

Decorre a maior parte da acção numa das manchas de bosque que ponteiavam o planalto maconde e nelas se pratica a apanha de frutos da «diñombea», que aparecem com as primeiras chuvas.

As personagens são genro e sogra e o tema o perigo que corre o genro, quando, infringindo as regras da evitação – o tabu da sogra – com esta convive excessivamente. O narrador explica: «Por causa dos frutos da 'diñombea', que coméis com as vossas sogras, ficareis um dia envergonhados, como ficou o nosso rapaz.»

É geral nas populações de língua bantu e, de modo geral, nas ditas primitivas a observância desta interdição, que diversamente se institucionaliza. Vai do tratamento respeitoso à proibição absoluta de qualquer comunicação directa. Os Zulus (África do Sul) cobrem a cara com o escudo se se cruzam com a sogra ¹. Nos Suazi vigora o costume de multar o genro que gracieje com a sogra ². Nos Macondes «Um homem quando casa... não fala de maneira nenhuma com a sogra, nem entra em sua casa, não se senta a seu lado no mesmo banco, nunca come na sua presença nem fica sozinho em qualquer sítio com ela.» ³

Ao etnógrafo ainda se ensina que o genro trata a sogra de «nka-wangu» e esta leva-o também de «nkawangu». Presentes igualmente as formas possessivas «nkwegwe» (sua sogra) e «vakwa veru (vossas sogras).

A apanha de frutos da «diñombea» deixa ver que os Macondes, embora vivam principalmente da agricultura, são também recolectores.

Não são estes dois contos especialmente representativos da realidade social maconde na novelística deste povo, outros serviriam para a ilustrar. A escolha residiu na sua qualidade literária.

Cremos ter dado exemplo da riqueza etnográfica que contém as narrativas orais. Não deverá o estudioso, portanto, alhear-se do conhecimento desta literatura, sob pena de perder uma importante informação, que, de outro modo, se não alcança. E faça-o, se puder, de modo directo, ouvindo e vendo seus melhores intérpretes, na excelência de suas exhibições histriónicas.